Revista Illustrada de Portugal e do Extrangeiro

Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte) m. forte...	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem......	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro e India...	5$000	2$500	-$-	-$-

32.º Anno — XXXI Volume — N.º 1079

20 de Dezembro de 1908

Redacção — Atelier de gravura — Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4
Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial
Praça dos Restauradores, 27
Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empreza do Occidente, sem o que não serão attendidos.

Centenario de Milton

MILTON

FAC-SIMILE DE UM DESENHO COPIADO DE UMA MINIATURA ORIGINAL

Chronica Occidental

Tem-se insistido muito e insiste-se em dar por verdadeira a noticia de que o Senhor D. Manuel II será o esposo da Princeza Victoria Luiza, filha unica dos Imperadores da Allemanha.

Um dos mais considerados jornaes do mundo, o *New-York-Herald*, referindo-se a este projectado enlace, augura boas venturas ao moço rei, por saber que os paes da princeza têm procurado fazer d'ella «uma esposa ideal.»

Já a respeito d'esta mesma menina, que talvez um bom destino prometteu a Portugal para rainha, alguem nos tinha falado, muito antes do *New-York-Herald*, em termos que bem desejavel a tornavam para a dar por companheira a um principe que deveras a merecesse. A chronica recorda o formosissimo artigo que o Conde de Bertiandos escreveu no *Mundo Economico*, a proposito de se haver então sabido tambem pelos jornaes que a filha do Imperador Guilherme estava aprendendo a cosinhar.

N'esse illustre exemplo da côrte allemã, que tantos outros só haviam tomado por fantasia caprichosa, vira o illustre publicista um facto de verdadeira importancia social: a necessidade de modificar por completo o modo de ver actual sobre a educação da mulher, quer ella pertença á estirpe mais alta, quer haja nascido na situação mais humilde. E invocava os bons velhos tempos em que não havia senhora que se não gloriasse de conhecer todos os requisitos de boa dona de casa, o que nem por isso excluia prenda de sala, trabalhos artisticos e soma de conhecimentos geraes.

Foram-se, porém, requintando as educações, exigiram-se muitas linguas, muita musica, e a pouco e pouco as senhoras deixaram de aprender o que de longa data constituira o primeiro ensino da mulher.

A nossa democracia indigena, que tudo perturba com o seu desnorteamento, desatou a macaquear, nos diversos asylos e collegios populares, quantas loucuras se introduziam nos ensinamentos das classes elevadas.

Se aquella menina, porventura creada por seus paes para ser um dia mulher d'algum diplomata, não sabe como se varre bem uma sala, o que seria optimo que soubesse para que o marido nos não envergonhasse lá fóra — e em vez de o aprender anda a estudar geographia, demos depressa uma mestra de geographia ao asylo onde se educam as filhas dos operarios, que serão provavelmente mulheres d'outros operarios.

Aprimorou se a outra com estudos de linguas vivas, e não houve por isso tempo de lhe ensinar a pôr uma panella ao lume ou a aproveitar em picado a carne da vespera: venha já para o collegio da rapariga do povo uma mestra de lingua franceza, que a habilite a ler alguns romances que a façam aborrecer a vida real e desprezar as mãos calosas do marido.

Não aprendem as classes elevadas certos misteres, presuppondo que elles serão ensinados áquellas que as hão de servir; mas, como nas espheras mais baixas a mulher ou não é educada, ou recebe educação inutil, nem as senhoras obteem facilmente uma creada que saiba sel-o, nem sabem ensinal-a.

Em regra, as nossas meninas de asylo ou passam a vida aspirando a entrar nas classes superiores, ou casam na sua classe com homens para quem são inuteis e que se não entendem com ellas, ou, completamente deslocadas no seu meio, alcançam pela deshonra a passar vida despreoccupada de trabalhos a que as não habituaram.

Deus nos livre de affirmar que haja inconveniente em que a mulher d'um pedreiro saiba que existiu Socrates! exclamava o articulista ainda agora citado. Desde o momento em que isso lhe não dê logar a vaidades balôfas e a tratar o marido como tratava o seu a mulher do philosopho, póde até servir para desenfadar o operario nas suas horas de descanço. Mas é mais preciso que esse trabalhador, ao chegar a casa fatigado, a encontre aceada e o caldo saboroso.

Saber cosinhar, lavar, coser, fiar, engomar, fazer meia, arrumar um quarto, limpar vidraças, tratar de gallinhas, engordar um porco, ordenhar uma vaca, tirar nodoas, tudo isso deve ser considerado tão indispensavel como saber — pentear-se, vestir-se, fazer um ramo de flores.

Tudo isto dizia o autor d'essa bella pagina escrita a proposito do facto de se ver uma princeza na cosinha. E concluia prevendo que assim as neurasthenicas iriam desaparecendo nas classes de cima, ao passo que a miseria cada vez se alastaria mais das camadas inferiores.

E' claro que nenhuma d'estas aprendizagens

deve ser feita por maneira que abafe os naturaes talentos a que seja possivel dar impulso, mas sim alternando-as com outras que mais desenvolvem a intelligencia e a imaginação a que podem servir de regulador.

Se ha alguma cousa de incompleta na vida do homem, se a raça humana se contenta ainda com um ideal mediocre, precisamos procurar a causa principal d'isto na grave injustiça de que a mulher é victima. Durante muito tempo considerou-se a mulher como um ser inferior, e, para dar a esta opinião a sanção dos factos, quiz-se que ella ficasse ignorante, entravou-se o seu desenvolvimento, trataram-na como um meio em logar de a tratar como um fim.

O direito de engrandecer é o primeiro dos direitos; é o direito de viver, de desenvolver o seu ser em todos os sentidos, de nos elevarmos incessantemente para a verdade, para o amor, para a belleza. Comparados com este, os direitos puramente politicos e civis teem muito pouca importancia. Precisamos, não sómente que este direito fundamental seja reconhecido e protegido, mas que a opinião publica eleve a voz para declarar que elle é sagrado e inviolavel. E' a consequencia d'um principio universal e que tanto se applica á mulher como ao homem.

Não ha uma religião, uma filosofia, uma sciencia e uma arte para o homem, e outra religião, outra filosofia, outra sciencia e outra arte para a mulher. Por consequencia, tambem não póde haver pelo menos em relação aos elementos essenciaes, uma educação para o homem e outra educação para as mulheres. O dominio das almas, das intelligencias, das consciencias, dos corações, não conhece sexo. Qual é a melhor educação para a mulher? A que fiser d'ella, em maior grau, um ser humano completo, illustrado, generoso e forte. Que trabalho convem á mulher? Todo o trabalho que lhe garanta a independencia da sua personalidade. O que é que deve ser prohibido á mulher? Tudo que possa degradal-a, diminuil-a ou envilecel-a, mas nada mais do que isso. O que é que a mulher tem o direito de fazer? Todos os actos bellos, bons e uteis que derivem das suas aptidões e que não a arrisquem a prejudicar a sua dignidade, a diminuir o seu valor como creatura humana.

A fé, a esperança, o amor são forças com que a mulher foi mais largamente dotada que o homem e que mais intimamente assimilou. Ella mantem o fogo sagrado que nunca se apagou sobre os altares do lar, e da patria. Penetrou-se mais da realidade da alma. Se fala menos de patriotismo em tempos de paz, a chamma sagrada, na hora do perigo, brota vivamente da sua alma, e é isso o que cónduz o pensamento dos bravos para suas mães, suas esposas e suas irmãs, quando marcham para o combate. Sabem que aquelles corações ternos, comquanto isso muito lhes custe, preferem para aquelles que amam a morte á deshonra. No dia em que a mulher possa desenvolver plenamente os dons que recebeu, brilhará sobre a terra um fogo mais puro e o amor da patria tornar-se-ha uma nobre paixão.

Portanto, interesse-se mais a mulher por tudo o que constitue a vida social; ella virá augmentar a sua propria felicidade, trabalhará com mais vontade e mais eficazmente para o progresso da raça. Nas suas relações com o proximo, não tem deveres sómente para com o seu lar, tem deveres, tambem, para com a sociedade inteira. A grande questão não é ser homem ou mulher; é ter sabedoria, virtude e amor.

João Prudencio.

MILTON

«.....; este espirito turbulento, e sublime, abandonando o espectaculo do mundo positivo, devia encontrar um dia em suas idéas o modelo das paixões do inferno, e produzir, no meio de seus sonhos fantasticos, que a realidade não interrompia, duas creações egualmente imaginarias, e inattendiveis n'este seculo feroz, a felicidade do céo, e a innocencia da terra.»

Villemain.

Do homem assim definido por uma eminencia litteraria da França, coube a celebração centenaria ao anno de que estamos a despedir-nos.

Nasceu João Milton, em Londres, em 1608, d'um simples ajudante de notario, mais tarde notario tambem, e falleceu em 1674, depois de haver experimentado as alternativas de uma existencia em que a fortuna foi um tanto avara e em que a escuridão dos orgãos da vista foi golpe lancinante.

Distinguem-se na pessoa de Milton duas caracteristicas fundamentaes, a poesia e a politica.

Para aquella o inclinaram os seus estudos classicos no Collegio de Cambridge, talvez inspirados da sua viagem á patria do Tasso e do Dante, e n'esta entrou como adepto do partido contrario ao da côrte no seu paiz.

Exerceu mesmo cargos de confiança durante o protectorado notavel de Cromwell, que, nomeando-o primeiro secretario interprete do conselho de Estado para a lingua latina, em seguida tornou-o seu proprio secretario.

Deu a lume varias publicações ardentes contra o episcopado e sobre a reforma ecclesiastica, fez a apologia da liberdade da imprensa e produziu uma famosa dissertação em defêsa encomiastica da revolução, e da condemnação de Carlos I.

Este facto, valeu-lhe por occasião de ser restaurada a realeza, um processo que lhe abriu as portas do carcere por dois mezes, acudindo lhe com a sua influencia libertadora o poeta Davenant, que o salvou de semelhante apuro.

A Milton, eleito genial das Musas, consagrou Custodio Velloso *(Brados D'Alma)* estas paginas que perfilho:

«O verdadeiro poeta inglez que floresceu pelo meado do seculo XVII foi Milton.

Milton começou por fazer versos latinos, e elevou-se no seu *Comus*, obra modelada nos poemas italianos, acima de todos aquelles com quem convivia. Não visa a uma regularidade servil, e tira toda a vantagem dos classicos, para adquirir dignidade e eloquencia. E' inteiramente correcto na composição, e no estylo, que sempre sustenta na mesma altura. Tanto quanto é possivel em lingua morta, associou a originalidade a um grande talento de imitação, e a certo tom de liberdade e de nobreza, que revela força gigantesca. O *Lycidas*, allegoria pastoril do genero italiano, e em que S. Pedro figura entre as divindades mythologicas do mar, é excellente e graciosissima poesia. Imagens escolhidas e judiciosas brilham no *Allegro* e no *Penseroso*, cheios de alegres allusões. A ode sobre a *Natividade*, consideram-n'a alguns como a mais primorosa da lingua ingleza.

Milton conheceu Galileu na Italia, onde se inspirou no espectaculo das magnificas ruinas de Roma. Em Napoles frequentou Manso, que fallava de Tasso, como de um illustre amigo, cuja ausencia se deplora profundamente. Quando as tempestades da sua patria se desencadearam, Milton entrou nas discussões theologicas, com que se encobriam as dissensões politicas, e entregou-se ás illusões, e aos lances fogosos dos revolucionarios.

Cromwell, de quem se tornou conhecido por seus escriptos revolucionarios, tomou-o para seu secretario. Depois de varias phases violentas por que passou a sua vida agitada, augmentou-se-lhe a ambição, e, continuando a exercer o seu emprego, adquiriu o odio de um partido, e o desprezo de outro, e reunindo, d'esta sorte, em sua alma, as emoções revolucionarias de liberdade, de fanatismo e de vingança.

Quando passou da vida activa para o silencio da meditação, e que perdeu illusões e amigos, consolou-se revistando os auctores antigos, seus predilectos, e meditando na sua vida propria. D'ahi, a reconcentração melancolica, a poesia interior que o caracterisam singularmente.

Quando contava 59 annos, pensou na publicação da sua epopêa, mas o censor embaraçou-o em virtude das allusões que via em todo o poema, mas, por fim, chegou a um accordo com a censura, e surgiu á luz o *Paraiso perdido — (Paradise lost)*. O assumpto escolhido por Milton conformava-se com o espirito do protestantismo, e com a sombria exaltação dos puritanos. A questão do bem e do mal nos destinos humanos, e o dogma da queda do homem, resumem as impressões do poeta e as dos seus contemporaneos; mas a creação, a queda e a redempção são actos de um mesmo drama, e não podem separar-se; e Milton, parece que reconheceu esta verdade, por que compoz o *Paraiso reconquistado*, poema que, no dizer d'alguem, não seria inferior ao *Paraiso perdido*; todavia, se merece encomios pela simplicidade do plano e pela vivacidade do dialogo uma argumentação continua cança os seus leitores.

Versado no theatro grego, e admirador do Enripedes, Milton dispoz maravilhosamente o assumpto, e empregou, para lhe dar côr, tudo que encontrou de melhor em seus predecessores. Fez prevalecer na linguagem o elemento latino sobre o elemento saxonico, e uzando-a como mestre, modificou regras, multiplicou elypses, transposições, regimens indirectos, e serviu-se de palavras e construcções das linguas mortas e vivas. Procurou em todas alguns elementos de graça, de vigor ou de melodia, no meio dos quaes manifestou, na sua maior perfeição, o poder da lingua natal. Cultivou cuidadosamente a harmomia, para que o verso livre, de que se servia, não degenerasse em prosaismo. Não ha inglez illustre que não decore os versos de Milton; e o seu merito principal e supremo consiste precisamente em suggerir muitas mais idéas do que exprime, o que obriga o leitor a auxilial-o com a imaginação, isto é, a fazer agradavel uso das suas proprias faculdades.

No seu *Sansão Agonista*, poema lyrico sob a fórma de drama, que Milton compoz na sua decadencia, ha mais vigor de pensamento, e menos poesia de estylo. Os seus sonetos teem a severidade da locução e a unidade de sentimento profundo, que revelam as alternativas de alegria e de desanimo que exprimentam as almas fortes.»

A proposito da estada de Milton na Italia, refére Xavier da Cunha nas *Duas palavras ácêrca do poeta*, que precedem a bella traducção do poema pelo dr. Antonio José de Lima Leitão, a seguinte anedocta curiosa e interessante:

«E então se conta que, — adormecendo uma vez n'um jardim, á hora da calma, o joven forasteiro, — acertára de passar por junto d'elle incognita donzella, a qual, devéras enlevada ante a formosura do moço inglez, escrevêra alli mesmo a lapis n'uma folha que rasgou de sua carteira, e que ao pé do adormecido deixou ficar como lisongeira mystificação, a seguinte improvisada quadra:

«Ochi, stelle mortali,
Ministri di miei mali,
Si chiusi m'uccidete,
Aperti che farete?!»

Mesmo cerrados pelo somno, os olhos do joven viajante haviam suscitado na italiana um verdadeiro deslumbramento.»

E já que toquei em assumpto da esphera feminina, devo dizer que Milton foi tres vezes casado, a primeira com Maria Powell que lhe fugiu pouco depois do consorcio em razão de incompatibilidades politicas e com a qual se reconciliou, attendendo ao perdão que ella, muito arrependida, lhe implorou; a segunda com Catherina Woodcock, sendo já cego, e a terceira com Isabel Minshuel, que lhe sobreviveu.

O *Paraiso Perdido*, obra prima que o collecou na ordem preclara dos raros cantores peregrinos de todos os tempos, foi publicado pelo auctor em 1667 e vendido a um livreiro por 30 libras esterlinas apenas!

O acolhimento que o poema recebeu por parte do publico ao ser estampado, não correspondeu de nunhum modo ao alto valor do seu merecimento real e ás passagens arrebatadoramente empolgantes que encerra.

Só 20 annos após o passamento de Milton, se lhe reconheceu o estro genial pela penna de Addison.

«A expressão, repetirei com Chateaubriand, é, acima de tudo, o grande merito de Milton.»

Contam-se actualmente numerosas edições do *Paraiso Perdido*, vertido em todas as linguas cultas, sendo luxuosa e deveras attrahente aquella que entre nós, editorou em 1884, David Corazzi, illustrada com desenhos de Gustavo Doré feitos para uma edição publicada em Paris.

João Milton, que nascêra no dia 9 de dezembro do anno de 1608, na capital da Inglaterra, morreu a pouca distancia de Londres, aos 8 de novembro de 1874, sem ter concluido portanto os 66 annos de idade.

Exhalou o derradeiro suspiro como tantos outros vultos gloriosos da especie humana, havendo provado o amargôr da necessidade extrêma na taça dos infortunios.

Triste condão, e fatal destino dos que mais honraram a patria que os embalou no berço, a lingua em que se exprimiram e a posteridade que os acclama em unisono côro centenario!

Dezembro, 9 de 1908.

D. Francisco de Noronha.

O Novo Presidente da Republica dos Estados Unidos da America do Norte

O resultado das eleições nos diferentes estados da America do Norte para a presidencia da Republica, assegurou o triunfo a Mr. William Taft; candidato patrocionado pelo actual presidente Mr. Roosevelt, em oposição a Mr. Bryan proposto pelo partido democratico ou avançado.

Em 1904, a maioria alcançada por Mr. Roosevelt foi de 396 votos, entretanto a alcançada agora por Mr. Taft é inferior áquella.

No dia 11 de janeiro deve reunir o senado federal para a abertura dos sobscritos contendo os votos enviados pelos Estados, e proceder ao escrutinio, sendo proclamados eleitos o presidente e vice presidente da Republica, que teem de presidir no quadrienio de 1909 a 1913.

E' em 4 de março do proximo anno que o novo presidente tem de tomar posse do governo.

Mr. William H. Taft tem 51 annos, pois nasceu em Ohio no anno de 1857. Em 1880, aos 23 annos de idade, abria banca de advogado e de 1887 a 1890 exerceu o cargo de juiz do tribunal superior de Ohio. De 1890 a 1900, desempenhou o logar de advogado geral e de juiz da circunscrição geral do sul. Presidente da comissão norte-americana e governador civil das Filipinas de 1901 a 1904.

Neste ultimo anno foi nomeado ministro da guerra, cargo que declinou quando principiaram os trabalhos eleitoraes para a presidencia da Republica.

Estas breves notas biograficas, extraídas de autorisados documentos oficiaes, não mencionam que Mr. Taft tivesse alguma vez sido eleito deputado e, portanto, que tenha tido tirocinio parlamentar, o que, especialmente em nosso país, deve causar espanto aos nossos homens politicos que ascendem ao poder pela via da verborrêa parlamentar, ainda mesmo que nessa verborrêa não mostrem ideias de utilidade pratica ou de administração solida.

Vê-se, pois, que na Republica do Norte não é preciso ser um parlamentar encartado para ascender á maior magistratura do país, o que de resto não se observa nos regimens da constituição inglêsa e nos mais países onde de algum modo ella tem sido adotada.

Comtudo, na propria Inglaterra, nos ultimos tempos tem-se quasi dispensado a procedencia parlamentar para os cargos de ministros, o que afinal é perfeitamente rasoavel, pois de contrario, muitos homens de capacidade governativa ficariam privados de ser ministros, só pelo facto de não possuirem dotes oratorios, de parlamentares encartados e rabulistas tambem.

Visita de S. M. El-Rei D. Manuel ao Porto

Vamos concluir hoje esta breve resenha que desde o n.º 1075 aqui tem vindo publicada, e em que apenas tentámos referir o que mais saliente se tornou entre as innumeras manifestações de simpatia, carinho e adesão monarquica feitas ao Senhor D. Manuel, nas diferentes terras do norte que visitou.

Foi no dia 29 de novembro, dos ultimos que El-Rei passou no norte, que se realisou a visita á historica cidade de Guimarães, berço da monarquia portuguêsa, e ali não quiz o Senhor D. Manuel deixar de visitar, apesar da chuva, o seu castélo, solar do Conde D. Henrique e onde nasceu Affonso Henriques primeiro rei de Portugal.

Chovia, mas nem por isso a cidade deixou de estar em festa, uma festa real, como de ha muito não via intra seus muros. Adornaram-se as suas praças de alterosos mastros onde bandeiras flutuavam sacudidas pelo vento e pela chuva; dos peitoris das janelas cahiam as custosas colchas de seda, das grandes solemnidades, e no coração dos habitantes da velha cidade reinava a alegria pela visita do seu rei, alegria que bem se manifestava no jubilo com que o recebiam, no entusiasmo com que o aclamavam.

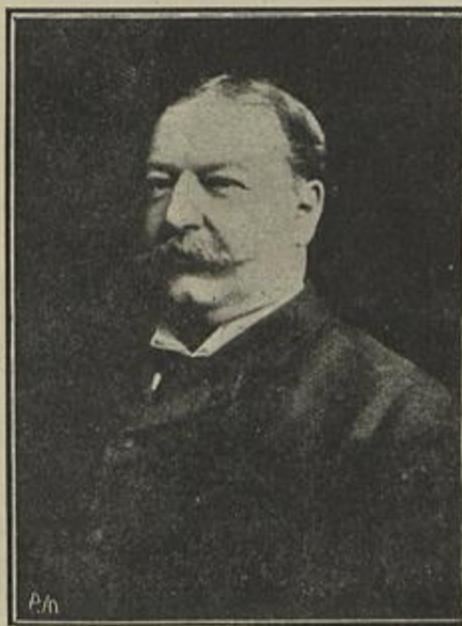
O trajéto no comboio desde o Porto até Guimarães foi um triunfo por todas as terras onde teve pequenas paragens. Em Trofa, em Lousada, em Santo Tirso, em Caniços, em Riba de Ave, em Negrelos, Lordelo e Vizela, por todas estas povoações foi El-Rei saudado com entusiasmo, mas em Guimarães foi a recepção imponente logo á chegada do comboio, pelos milhares de pessoas que o aguardavam na estação, muitas levando bandeiras das côres nacionaes.

Ainda na estação, o presidente da camara leu a El-Rei uma mensagem de boas vindas, e logo se formou o cortejo em direção á egreja de Nossa Senhora da Oliveira, um dos templos mais sumptuosos de Portugal, onde foi cantado *Té-Deum* pelo rev.^{do} arcebispo de Braga.

Por todo o percurso do cortejo, a que se juntaram muitas corporações operarias com seus estandartes, creanças das escolas cantando o himno nacional, etc., não cessaram as aclamações ao joven Rei, e das janelas as senhoras deitavam flôres sobre a carruagem real e acenavam com lenços em grandes mostras de alegria.

Terminado o *Té-Deum* dirigu-se El-Rei para o palacete do sr. Conde de Margaride, onde houve almoço intimo, tendo antes o Senhor D. Manuel dado recepção.

El-Rei visitou depois o quartel de infantaria 20, vendo-se na parada, além de outras decorações com que estava engalanada, as insignias da Torre e Espada e as da Ordem de Christo, com que este regimento é condecorado.

A hora do dia ia adeantada e a chuva mais o escurecia, entretanto, El-Rei ainda quiz visitar a capéla de Santa Margarida, historica por excelencia, pois foi ali que Affonso Henriques recebeu as aguas lustraes do bátismo, conservando-se ainda lá a pia bátismal que serviu a esse acto. Da capéla passou o monarca ao vetusto e meio derruido castélo, onde poude observar os restos dos aposentos em que viveram com seu filho os condes D. Henrique (1).

WILLIAM TAFT

NOVO PRESIDENTE ELEITO DA REPUBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA DO NORTE

Era já noite quando El Rei entrou no liceu onde o aguardavam maiores manifestações por parte dos estudantes, e onde o reitor leu uma mensagem ao soberano.

Seguindo depois El-Rei para a praça Affonso Henriques, onde se ergue o monumento ao fundador da monarquia, ahi redobraram as manifestações populares, numa calorosa aclamação, e o sr. presidente da camara leu uma mensagem a El-Rei em que afirmava o lealismo dos vimarenses.

Ouviu-se então um côro de centenares de creanças das escolas e outras cantar o himno nacional e a canção da arvore.

Na galeria do edificio da Sociedade Martins Sarmento, El-Rei fez a distribuição de premios ás creanças das escolas, e não foi este o numero menos interessante do programa das festas.

O jantar foi tambem no palacete do sr. Conde de Margaride, onde o rev.^{do} abade de Tagilde levantou o primeiro brinde a El-Rei, o qual agradeceu a brilhante recepção que a cidade de Guimarães lhe fazia.

Quando El-Rei retirou para a estação, as ruas principaes da cidade estavam iluminadas, em grande festa, e além da comitiva, autoridades e pessoas de representação que o acompanhavam, um grande cortejo popular o seguiu com archotes e balões á veneziana, produzindo um bélo efeito, animado pelas musicas e aclamações do povo, até que o comboio partiu.

O dia de segunda-feira, 30, passou o El-Rei no Porto, visitando ainda varias fabricas, principiando pela denominada Fabrica do Jacinto, das mais antigas e das primeiras do país, de fiação, tecidos e estamparia de algodão em que emprega 1:500 operarios.

A fabrica estava em festa, com todas as oficinas enfeitadas com produtos da propria fabrica, dispostos em graciosas decorações de grande efeito. Todo o pessoal formava á entrada com o seu estandarte; os alumnos da Escola de Massarelos, e os do Asilo Profissional do Terço com a sua banda fazendo a guarda de honra. Nas salas muitos convidados e senhoras aguardavam a visita real, que não podia ser mais festejada e com maior entusiasmo recebida.

Foi recebido El-Rei pelos diretores e proprietarios srs. Antonio José Gomes e Antonio da Silva Marinho, a quem o Senhor D. Manuel deu o braço e com elle percorreu todas as diferentes oficinas onde o grande industrial foi dando todas as explicações que El-Rei desejava saber sobre os trabalhos que ali se faziam. Na sala onde se realisou a recepção, entregou o sr. Marinho a El-Rei uma mensagem de agradecimento pela honra que o monarca dispensara á sua fabrica, visitando a, e pedindo ao mesmo tempo medidas protétoras para a industria algodoeira que vem lutando ha annos a esta parte com uma crise esmagadora.

A visita real durou hora e meia, sendo Sua Magestade muito vitoriado por todo o pessoal da fabrica que lhe levantava continuados vivas, assim como a toda a familia real e á industria e agricultura portuguêsas.

Ainda n'esse dia, El-Rei visitou outras fabricas como a do Barreto, de moagens, a Fundição de Massarellos, a fabrica de lanificios Meirelles & Irmão, á rua de D. Pedro V, etc., repetindo-se em todas o mesmo acolhimento festivo, que sempre acompanhou o Senhor D. Manuel nas suas visitas.

O joven Rei poude conhecer bem todo o grande trabalho industrial da primeira cidade do norte, como conheceu tambem uma grande parte das forças produtoras das mais terras que visitou, o que seguramente o habilita a julgar de uma boa parte da industria nacional, conforme é seu desejo.

A pedido dos Barcelenses, foi El-Rei a Barcélos na quarta-feira, 2 do corrente.

Na passagem em Famalicão o comboio parou alguns minutos, e El-Rei recebeu os cumprimentos das autoridades locaes e muitas outras pessoas de distinção da vila, lendo o presidente da camara uma mensagem de boas vindas ao soberano, que rematava por estas significativas palavras:

«Sois a mais lidima esperança da nação abatida, mas disposta corajosamente aos maiores sacrificios para a conquista, dentro do regimen e da ordem, de uma nova era de prosperidade que nos assegure o direito, a independencia e a liberdade, o sintilante fanal de todo o coração português.»

A recepção em Barcélos foi das mais entusiasticas e carinhosas, que El-Rei recebeu na sua digressão pelo norte. Todo o elemento oficial e pessoas de distinção da historica vila aguardavam a sua chegada na estação, o povo aglomerava-se em grande massa pelas ruas por onde o monarca devia passar, as quaes estavam enfeitadas em grande festa de gala.

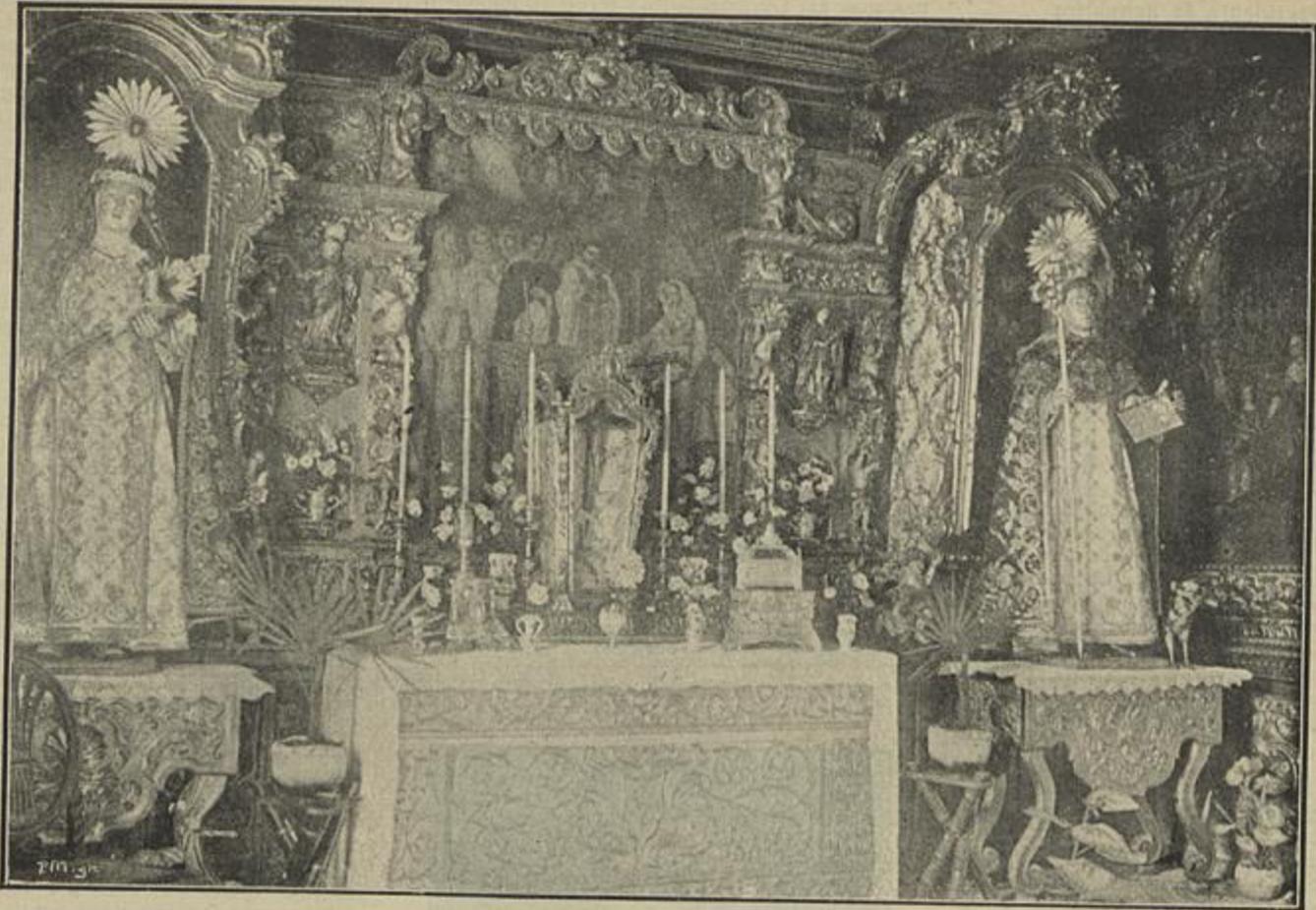
Era dia de feira, e o campo em que se realisa apresentava aspéto surpreendente e pitoresco pelos trajes do povo da vila e cercanias, que todo ali acudiu com suas melhores galas.

Houve *Té-Deum* na egreja matriz em que oficiou o rev.^{do} Arcebispo de Braga e a que assistiu tambem o rev.^{mo} Bispo do Porto D. Antonio, que acompanhara El-Rei.

Depois do *Té-Deum* seguiu todo o cortejo com El-Rei para os Paços do Concelho, que estavam decorados com vistosas colchas de seda, assim como muitas janélas de casas particulares, e ali houve recepção, depois da qual o Senhor D. Manuel chegando a uma das janelas recebeu calorosa ovação do povo que estacionava na praça.

Na sala do tribunal foi servido o almoço, e depois El-Rei quiz visitar as ruinas do solar dos Condes de Barcelos, primeiro condado que houve em Portugal, e donde descende a casa de Bragança, mas a chuva caindo em abundancia não permitio

(1) Vide presente vol., pag. 237, n.º 1074.

Visita de Sua Magestade El-Rei D. Manuel ao Porto

EM AVEIRO — Céla da Princesa Santa Joana transformada em capela no convento de Jesus, que El-Rei visitou

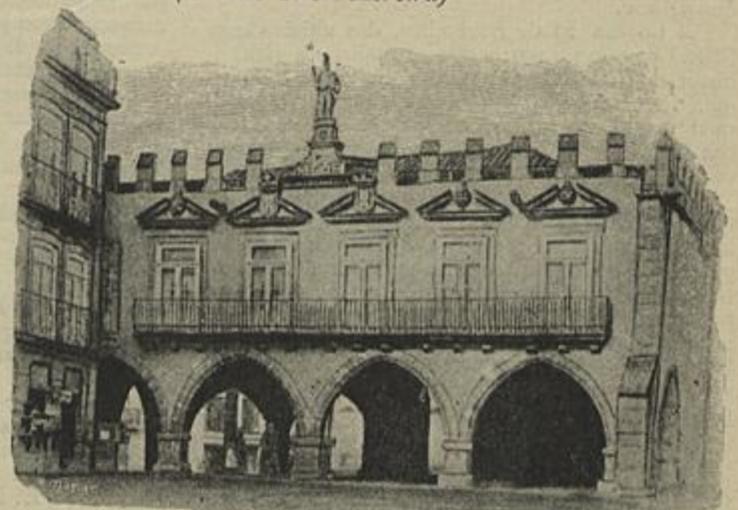
essa visita, porque as ruas da vila tornaram-se intransitaveis. Assim limitou-se a visitar o quartel de infantaria 3, a egreja do Bom Jesus da Cruz, a Misericordia e por fim o Asilo do Menino de Deus, recebendo por toda a parte as ovações do povo, que o acompanhou até ao embarque no comboio quasi ás 6 horas da tarde.

O comboio em que Sua Magestade voltou de Barcelos encontrou-se, em Campanhã, com o rapido do Porto que condusia a Rainha Senhora D. Amelia para Lisboa. O Senhor D. Manuel, subiu á carruagem salão para se despedir de sua augusta mãe, entre as aclamações das pessoas que enchiam a estação.

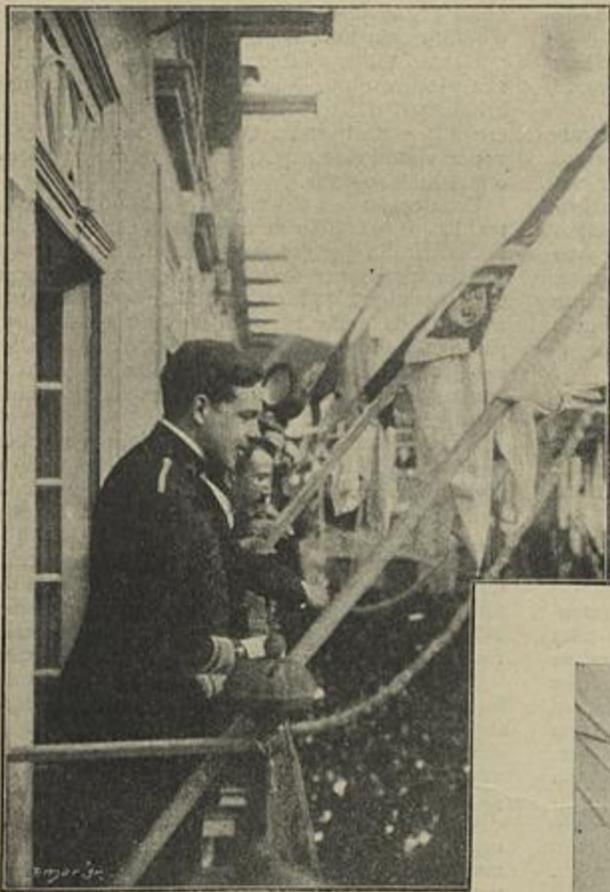
No ultimo dia que El-Rei passou no Porto, 3 do corrente, recebeu os corpos gerentes de algumas associações que lhe foram apresentar suas homenagens, e á noite realisou-se o banquete no paço oferecido á comissão promotora dos festejos, a que assistiram, além dos ministros, camaristas e ajudantes que acompanharam Sua Magestade, os srs. conde de Samodães, Antonio da Silva Marinho, José Beça Pinto, conselheiro José Ignacio Xavier, Adolfo Pimentel, Lima Junior, Ramos Guimarães, Carlos Guerreiro, dr. Julio de Araujo, Joaquim Pinto da Fonseca, Antonio Ferraz de Sequeira, Bernardo de Lencastre, dr. Arthur Ravara, Leopoldo Morão e Ezequiel Moreira de Castro.

Depois do banquete, Sua Magestade foi á Sociedade de Belas Artes, onde era aguardado á entrada pelos presidentes da direção e da assembléa geral srs. Teixeira Lopes e dr. Leo-

Sala no Palacete do Sr. Dr. Magalhães Lima, onde El-Rei descançou

(Clichés do sr. Moreira)

EM GUIMARÃES — Chegada de El-Rei á egreja de N. S. da Oliveira onde foi cantado o «Té-Deum» — Os Paços do Concelho.

Visita de Sua Magestade El-Rei D. Manuel ao Porto

EM GUIMARÃES — Passagem do cortejo Real na Praça do Toral

EM BARCELOS — El-Rer á janela da camara agradecendo as manifestações — A' sahida do «Té-Deum» na egreja matriz — A caminho para a camara, as aclamações do povo.

(Clichés Benoliel)

poldo Morão, grande numero de socios e muitas senhoras que lhe fizeram recepção festiva.

O Senhor D. Manuel, depois de ter percorrido as salas e admirado os quadros de Silva Porto, foi-lhe apresentado o pae do mallogrado artista, um pobre velhinho de 80 annos, a quem o monarca dirigiu palavras afetuosas. Os srs. Teixeira Lopes e dr. Morão, pedindo a El-Rei proteção para as artes, lembraram que, sendo a sr.ª duqueza de Palmela uma desvelada protetora assim como uma distinta cultora das Belas Artes, lhe fosse concedido por Sua Magestade o colar de S. Tiago, ao que El-Rei, depois de consultar o sr. presidente do conselho, declarou que seria concedida a mercê.

Assistiu El-Rei ainda nessa noite a um concerto no Palacio de Cristal, com a assistencia de umas dés mil pessoas, e que foi ao mesmo tempo mais uma colossal manifestação de simpatia ao joven monarca, com que se encerraram as festas do Porto em sua honra.

No dia seguinte, pelas nove e meia horas da manhã, partia El-Rei para Lisboa, e a despedida foi tudo que de mais afetuoso se possa imaginar, sensibilisando em extremo o coração de Sua Magestade, á quem eram levantados repetidos vivas, e muitas vozes pediam que lá voltasse em breve.

Não ha duvida que a recepção feita a El Rei no Porto e mais cidades e vílas que visitou no norte, foi além de toda a espectativa, e isto se afirma, sem paixão politica e com toda a imparcialidade.

Tambem em Lisboa a população se dispunha a fazer uma grande manifestação de simpatia ao joven monarca, á sua chegada, mas a precipitação com que se fez o desembarque do comboio e a carruagem real seguiu para o paço, tirou toda a imponencia áquella manifestação, o que foi muito sentido por todos que aguardavam a chegada e passagem de Sua Magestade, nas ruas de Lisboa, e até geralmente censurado.

Entretanto o Senhor D. Manuel, no dia seguinte, passeou nas ruas da capital até á Avenida da Liberdade, em carro descoberto, apenas acompanhado por um seu ajudante, sendo saudado pelo povo com carinhosas demonstrações de simpatia.

Amor por suggestão

Traducção do original inglez DE OUIDA

(Concluido do n.º 1078)

XIV

Não ignorava que seria indiscreto tentar essa operação só — daria que falar no dia seguinte.

— Mantende-o immovel — disse elle para as duas mulheres. — não o acordeis, se puderdes evital-o.

Com um dos frasquinhos que trouxera dos Fondamente encheu a seringa inoculadora. Dava-lhe em chapa a luz do candieiro, de maneira que as duas irmãs podiam ver tudo o que elle fez.

— Desabotoae-lhe a camisa — lhes disse elle. Adrianis dormia ainda; com a sua predisposição para dormir, as poucas gôttas de chloral, que lhe haviam sido administradas vinte minutos antes, teriam sido sufficientes para o tornar quasi insensivel.

Damer inclinou-se sobre elle, e inseriu-lhe em um lado da garganta a agulha inoculadora; a incisão perturbou o sem desatar completamente os laços do soporifero; luctou frouxamente, gemeu um pouco, mas as religiosas conseguiram dominar o esforço que elle fez para se erguer; a inoculação estava bem feita.

O rosto de Damer á luz do candieiro não era mais pallido que de ordinario, mas tremia-lhe a mão quando retirou a seringa.

— O que é o tratamento de Behring? — perguntou a religiosa que mostrava mais interesse pelo doente.

— E' um antitoxico; o sôro de um animal indemne, respondeu Damer, serenamente, voltando-se um pouco para ella. A religiosa não percebeu, mas receiou incommoda-lo com outras perguntas.

Foi para a varanda, deu as costas ás religiosas enfermeiras, e encostou-se á grade de ferro, olhando para o canal em baixo, onde nada se movia, excepto a ondulação apenas visivel da agua. Era humano, embora tivesse morto a sua humanidade, substituindo-a pela intelligencia só. Padecia n'esse instante; pungia o um vago sentimento do que a ignorancia chama crime; haviase emancipado totalmente das superstições e prejuizos dos homens, mas tinha consciencia de que o acto que praticara agora, se fosse sabido, o baniria do recinto das suas leis de elles.

Não se arrependia nem se lastimava; não via mal nenhum no seu acto. O direito do forte, o direito do sabio, assistia-lhe; tinha apenas exercitado a sua razão para produzir um resultado que elle desejava.

Assim discorria encostado á grade em volta da janella, contemplando a densa agua escura, que corria para além dos degraus de marmore da Salute. Havia uma frouxa claridade no céo para as bandas do nascente, mas elle não podia ver o nascente donde estava; era ainda completamente noite entre as paredes do Canal Grande. A voz do um homem chamou por elle da escuridão lá em baixo.

— Madame manda-me aqui saber como vae o principe?

Damer olhou para baixo.

— Dizei á condessa Zaranegra que tudo está no mesmo estado. Experimentou se um novo remedio.

O homem que tinha vindo pelas «calle» retirou-se por ellas, agitando uma lanterna na mão.

Os dois Vulcanos da torre do relogio, muito perto da praça de S. Marcos, bateram quatro vezes na sua bigorna. Damer alongou a vista pela escuridão do Canal, onde se não via nada, excepto os candieiros que ardiam de cada lado de elle com os seus reflexos, e as lanternas presas aos postes defronte de alguns palacios. Não podia ver a Ca'Zaranegra, que nem de dia se avistava, mas viu-a em espirito com os seus balcões floridos, as suas camaras com tapeçarias, os seus toldos vermelhos e brancos, o seu grande escudo sobre os portaes. Apercebeu-a na sua visão como ella devia estar agora — acordada, com o ouvido á escuta pela chegada do seu mensageiro, sem duvida com um roupão branco e largo, com os cabellos soltos sobre os hombros, o rosto desmaiado, os olhos anciosos de affliçção, como elle os vira n'essa tarde e noite.

Se Adrianis vivesse, ella teria sido sua mulher; isso era tão certo como bater o mar no caes de Malomocco por baixo da lua.

«Procedi bem, pensava elle, exerci a minha supremacia. Temos o direito de vida e de morte sobre todas as aves e animaes e cousas que nadam e se rojam, por virtude do nosso cerebro maior; do mesmo modo tem o cerebro maior o direito de proceder como quizer com o cerebro mais fraco, quando os seus passos se encontram, e um deve ceder e succumbir. Os tolos dizem que ha santidade na vida, mas o homem de sciencia nunca tal disse. Para elle, este ou aquelle organismo tem o mesmo peso na sua balança.»

Cousa extraordinaria, n'esse momento e incongruentemente lhe accudiu uma recordação dos dias da sua infancia; de estar sentado ao lado de sua mãe na pequena egreja, escura e humida, da sua aldeia natal, e de lá ver escriptos os Doze Mandamentos.

— Mãe, o que é assassinar? — lhe perguntou elle uma vez; e a mãe respondera-lhe: E' tirar a vida; destruir o que não podemos dar.

Recordou-se de como, passadas algumas semanas, quando tinha morto por divertimento uma toupeira, que atravessava a estrada a correr, se havia assustado, e fôra ter com sna mãe, e lhe dissera: «Minha mãe, minha mãe, commetti um assassinio. Tirei a vida e não posso tornar a dal-a.» E sua mãe sorrira-se e respondera-lhe: «Isso não é assassinio, meu filho. Uma pequena toupeira é uma creatura vil.»

Sua mãe, porém, não tinha razão, assim como o mundo a não tinha. Quer o organismo seja humano quer animal, que differença ha? Apenas a differença do cerebro.

O mundo e os seus legisladores continuariam a dizer que tudo o que destruisse a organisação humana era assassinio, isto é, crime, mas para a razão experimentada, logica e forte, de Damer o sophisma era uma premissa insustentavel. Matar um homem não era mais que matar uma toupeira. Qualquer d'essas cousas o mesmo era que deter um organismo, dissolver tecidos, restituir elementos ao logar donde tinham vindo; nada mais era. Um organismo, outro organismo, que importa isso?

Desde esse dia, no remoto e escuro passado, elle havia tirado a vida, não uma vez, mas duas, mas milhares de vezes, dando causa ás maiores e mais prolongadas agonias. Porém, na sua opinião, isso não fôra assassinio; apenas tortura e trucidação de creaturas vis conformemente á lei humana. Que differença poderia haver, se, por acaso, fosse humana a creatura que tinha de ser eliminada?

Era bastante consequente e sincero para levar as theorias do seu laboratorio á sua consequencia logica, sem tergiversar. Honradamente se tinha na conta de isento de mácula.

Era, comtudo, homem, e por isso experimentava um maguado sentimento de dôr ao ouvir no sereno decorrer da noite o som das luctas convulsivas da sua victima para tomar a respiração; mas reputava-se sem mácula, porque toda a these e toda a deducção do sacerdocio da sciencia justificavam e tornavam permissivel a sua acção para produzir uma catastrophe que lhe era necessaria.

Mandava-o a sciencia tomar todas as outras raças sensitivas da terra, e fazel-as penar a seu arbitrio, e matal-as á sua vontade. Essas outras raças eram organismos tão susceptiveis como os organismos humanos. Porque gosaria de immunidade o organismo humano?

Elle não fizera mais do que o que se pratica todos os dias por amor da experiencia ou da observação nos hospitaes ou nos laboratorios em todo o mundo conhecido. A reluctancia em affrontrar o que elle fizera não era mais que esse residuo dos primitivos influxos e impressões que fica na alma dos mais fortes, perseguindo as suas recordações e entibiando a sua resolução.

E elle invocou essa volição, esse poder da vontade, que nunca o abandonara; e voltou para junto da cama como teria voltado para ver um cão a expirar sob a pressão de oito atmospheras. Adrianis jazia ainda na mesma posição. Proximo do orificio quasi invisivel em que tinha penetrado a agulha havia uma ligeira tumefação.

— Parece estar peor — disse a religiosa em voz baixa.

— Por ora não pode estar melhor nem peor — tornou Damer, com verdade. — Dae-lhe uma gôtta de vinho, se o poder tomar.

Podiam dar-lhe o que quizessem; já o não podiam livrar da morte, pois nas veias do pescoço tinha recebido virus sufficiente para matar um homem de saúde. Penetrando, como penetrara, n'um orgão já doente, morreria antes de nascer o sol ou uma hora depois.

Damer tinha ajudado a natureza a destruir a sua propria obra. Não havia nada de novo nem criminoso n'isso — a natureza estava sempre creando e destruindo. Outr'ora conviera-lhe salvar a vida d'esse rapaz; pôr-lhe termo agora era o que lhe convinha.

Uma acção era tão má ou tão boa como a outra. Era o exercicio de um poder, semelhante ao do monarcha que concede uma amnistia ou assigna uma sentença de morte. E quem é que accusa o monarcha de fazer uso do seu poder? A prerogativa da rasão superior é mais elevada que a prerogativa do monarcha. Além d'isso, quem o saberia jámais? Quem teria noticia de que o virus mais intenso do toxico se misturara com a formação natural da doença?

Ainda quando se fizesse autopsia, seria impossivel descobri-lo; o veneno concentrado tinha se confundido e absorvido no desenvolvimento commum e usual da falsa membrana. Havia apressado a morte em vez de a impedir.

A sua consciencia profissional teria estremecido de dar causa á doença, mas não tremia de tornar a morte certa onde ella era apenas possivel. Não fizera mais que addicionar um veneno mais forte áquillo que a natureza tinha já envenenado.

Matam os homens os seus rivaes, e ninguem ha que os censure; e quem o censurará a elle por ter empregado a arma mais fina da sciencia em vez de outra mais grosseira de aço? Apenas levava a doutrina do laboratorio á sua justa e logica consequencia.

O que elle sentia por Veronica não era amor, era paixão, e não somente paixão, mas o sentimento de dominio. Conhecia que a formosa creatura tremia de elle, mas submettia-se-lhe. Toda a intensa tyrannia instinctiva da sua natureza morria por se exercer n'ella, esse objecto bello e patricio, que lhe era tão superior, e tão fragil e tão lindo. Sabia que nunca a possuiria ou a dominaria senão pelo medo; isso, porém, bastava-lhe. Os elementos mais finos e mais delicados do amor eram-lhe indifferentes e em verdade desconhecidos. Tinham existido em Adrianis, a quem elle desprezara; mas no seu temperamento é que não havia logar para elles. Eram brutaes os seus desejos, como tinham sido outr'ora os de Attila, cujo throno está enterrado entre a relva em Torcello.

Alta noite e ao romper da alva vieram mensageiros de algumas familias nobres da cidade e da Ca'Zaranegra. A todos respondeu Damer: «E' impossivel dizer o curso que pode tomar a doença.«

Damer foi outra vez para a varanda, deixando as religiosas administrar o vinho que, todavia, o enfermo não poude engulir, porque o desenvolvimento da excrescencia lhe tapava a laringe. Tinha a cabeça cahida sobre as almofadas, os olhos espantados, mas faltos de vista, o rosto pallido e azulado em volta da bôca e proximo das fontes. Agora esforçava-se para respirar, como um cavallo cahido na estrada, estafado, arrebentado.

Assustadas e horrorisadas, as irmãs clamaram em altas vozes por Damer, que tornou a entrar na camara.

A religiosa, que tinha bom coração, chorava. Damer sentou-se á beira do leito. Tinha visto mil vezes em todos os hospitaes da Europa aquella lucta pelo ar, que não podia ter agora senão um fim.

Pouco depois trouxeram-lhe um bilhete e um telegramma. O primeiro era da condessa Zaranegra, e dizia assim: «Deveis permittir que o veja. E' o meu direito, e ahi é o meu logar.»

O segundo, enviado pela mãe de Adrianis, dizia: «Cheguei a Bolonha; em breve estarei comvosco. Deus vos abençoe pela vossa bondade com meu filho.»

Leu-os, fez um em pedaços, que atirou para o canal, e metteu o outro no bolso do peito junto do frasco do toxico vasio.

Seria util se alguem puzesse em duvida o emprego muito tardio do sôro de Behring. Serviria para mostrar a confiança completa que n'elle depositava a pessoa que o tinha escripto. N'esse momento chegaram os seus dois collegas venezianos. Tinha amanhecido. As duas mulheres apagaram as luzes.

— Destes-lhe o antitoxico? — perguntou o mais edoso dos venezianos, relanceando o olhar pela seringa.

— Dei — respondeu Damer. — Creio, porém, que já foi tarde.

— Parece-me que foi muito tarde — respondeu o veneziano. — Não deixa por isso de ser admiravel a vossa coragem em tomar essa responsabilidade.

Damer curvou-se. Parecia taciturno e consumido, o que era natural n'um homem que estivera em anciosa vigilia por espaço de trinta e seis horas á cabeceira do seu amigo.

— Tendes alguma esperança? — murmurou o veneziano.

— Confesso que nenhuma — respondeu Damer.

A luz pura do alvorecer do dia enchia a vasta sala.

Brilhava sobre o medonho espectaculo de um homem, que se finava na sua mocidade, luctando e esforçando-se por um hausto de ar, combatendo contra a suffocação.

O ar fresco do mar corria por toda a casa, perfumado com os aromas dos fructos e das flores, livre para o aspirar o mais pobre desgraçado d'este mundo. Mas de toda éssa bondosa liberdade e irradiação do ar Adrianis não podia sorver um hausto, alcançar uma onda de elle, para matar a sua sêde da vida.

A tumefação envenenada enchia todas as frinchas das passagens do ar, como se fossem tubos entupidos e hermeticamente fechados. Tornou-se-lhe o rosto purpureo e tumido, sahiam-lhe os olhos das orbitas, agitava os braços rudemente, acenando no espaço; e nenhuma sensação lhe restava senão a de abrir a bôca para tomar o ar, que nunca mais havia de respirar. Guardavam silencio as cinco pessoas que o cercavam e ouviam-se os soluços abafados das religiosas; da agua em baixo chegava o som do bater dos remos na agua; algures lá fóra cantava um passaro.

Os venezianos trocaram algumas palavras, e depois voltaram-se para Damer.

— O fim ha de estar proximo. Devemos pedir os soccorros espirituaes. Não ha de morrer d'este modo sem os sacramentos, como um pagão, como uma vil creatura.

— Fazei o que vos parecer melhor — respondeu Damer. — N'essas cousas não me metto.

Os minutos foram correndo, as religiosas cahiram de joelhos, e a que chorava escondeu o rosto na coberta do leito. Tudo o que ainda ha pouco fôra a mocidade, a figura, a vitalidade de Adrianis luctava com a morte, como o leão novo que se desfaz ao encontro dos muros da jaula que o encerra. Os sons terriveis da suffocação tumultuavam no ar, ao qual se não podia abrir a sua garganta fechada. O sangue borbulhava em espuma pelos seus labios, que tinha franzidos sobre os alvos dentes, e estavam fendidos e azues. Os olhos, a saltarem das orbitas, não viam. Damer cessou de observar; quasi se arrependeu do que tinha feito.

De subito pararam as convulsões.

— Já não soffre — disse um dos venezianos com voz solemne e branda.

— Está morto — disse Damer.

As mulheres persignaram-se.

O passarinho, que estava da parte de fóra, cantou alto.

Abriu se a porta, e a mãe de Adrianis parou no limiar.

Decorridos seis mezes o homem que o tinha morto casou com Veronica Zaranegra. Debalde se oppoz a familia, e os seus amigos a preveniram; Veronica fugia d'elle, temia-o, aborrecia-o; porém o magnetismo da vontade de Damer regeu a de ella até lhe affeiçoar o proceder a seu arbitrio, como a mão do esculptor molda o barro.

Ficou senhor da sua pessoa, da sua fortuna e do seu destino; mas a alma da condessa Veronica Zaranegra, atemorizada e ,muda, retrae se para sempre d'elle, e esconde-se nos recessos da memoria e da saúdade.

Alberto Telles.

NECROLOGIA

Capitão Antonio Castanheira

A classe do professorado bem como a militar perdeu, no dia 22 de novembro findo, um dos seus mais apreciaveis ornamentos, com a morte de Antonio Castanheira, professor e militar distintissimo.

Antonio Augusto da Silva Franco Castanheira, capitão do estado maior de infantaria, professor do Real Colegio Militar e da Real Casa Pia de Lisboa, nasceu a 28 de novembro de 1853 e assentou praça no exercito a 26 de maio de 1868.

Capitão Antonio Castanheira

A sua vida foi um tanto acidentada, devido talvez ao seu genio um pouco irascivel, de animo muito ativo e empreendedor, sendo no fundo um excelente coração, bondoso e justo.

Entusiasmando-se pela causa do pretendente em Espanha, alistou-se como voluntario nas forças carlistas e por lá andou em defesa de D. Carlos de Bourbom.

Antonio Castanheira foi tambem empresario do teatro Alegria, por 1890, e ali poz em cena o celebre aproposito a *Torpeza*, que era um brado patriotico contra o *ultimatum* da Inglaterra.

O professorado, porém, mereceu-lhe mais especial atenção e dedicando-se ao ensino, no magisterio se distinguiu como professor do Real Colegio Militar e da Casa Pia, tendo em cada alumno assim como em cada colega, um amigo pelo muito que honrava a sua classe.

A sua atividade era incansavel; trabalhou muito, trabalhou sempre, e assim, além dos seus cargos de professor, a que satisfazia com um rigor e pontualidade exemplar, colaborou em varios jornaes e revistas, com mais efetividade no *Comercio de Portugal*, do visconde de Melicio, e deixou um livro sobre ensino da lingua francêsa.

Com verdadeiro sentimento deploram hoje os alumnos da Casa Pia a falta do seu professor querido, e não só os alumnos como os professores e direção daquella casa, contando o digno provedor sr. Costa Pinto, que mandou depositar sobre o feretro uma corôa de flores que ofereceu.

O seu funeral foi militar, sendo o feretro condusido num armão de artilharia tirado por duas parelhas, e coberto com a bandeira portuguêsa. Acompanhou-o á sepultura um grande cortejo em que se contavam muitos amigos do falecido, o corpo docente e mais pessoal do Colegio Militar e Casa Pia, indo uma deputação de alumnos do primeiro e 400 da segunda.

A' beira da sepultura fez, em breves palavras, o elogio do morto, o professor da Casa Pia, sr. José Bartolomeu Rita dos Martires.

L'organisotion Judiciaire dans les Colonies Portugaises, por A. de Almada Negreiros — Bruxellas — Établissements Généraux d'Imprimerie — 1908.

O benemerito auctor e exemplar patriota na alludida publicação, um folheto de 31 paginas, constituindo monographia, esclarece completamente os leitores ácêrca do assumpto que se propoz tratar; pelo que muito o felicitamos.

Lista civil e joias da Corôa — Lisboa — Imprensa Nacional — 1908.

N'este folheto de 25 paginas de texto acha-se registado na integra o discurso que o ministro actual da fazenda, sr. conselheiro Manuel Affonso de Espregueira, pronunciou na camara baixa, no dia 14 de julho do corrente anno, respondendo ao deputado sr. Affonso Costa.

A materia, não só interessante mas tambem palpitante, é digna de ponderação e o referido discurso merece cuidada leitura.

Versos — Lisboa — Livraria Ferreira, Editora — 1908.

E' um volume, formato grande, nitidamente impresso em bom papel, abrangendo 138 paginas de texto rimado, comprehendendo: — *Dedicatoria — Prologo — Sonetos — Poesias Varias — Cartas — e — Epilogo.*

O auctor, sr. Lourenço do Casal Ribeiro de Carvalho, revela na composição d'esta sua obra, provavelmente estrêia, qualidades e dotes apreciaveis que, com o tempo, hão de fructificar em novas e futuras producções de completo acabamento e suggestiva perfeição.

Não é para admirar que logo, á primeira tentativa, não conseguisse attingir a ara divina onde são consagrados em toda a plenitude os impeccaveis eleitos das Musas.

Entretanto, provam-se bem d'um poeta os carmes contidos no volume *Versos*, em que o soneto é predominante e honram sem a minima duvida as gloriosas tradições da familia Casal Ribeiro.

Os nossos parabens ao moço e esperançoso poeta.

Illuminuras — *Contos e novellas*, por Lyster Franco — 1908 — Typographia Minerva — Famalição.

Eis um volume de prosa rendilhada ao longo de 318 paginas, que encerram um perfumado texto distribuido assim:

«Dedicatoria; Illuminuras; Flôres Mysticas; Phantasias; Byblias; Sem Ventura.»

O retrato do auctor figura na precedencia do introito e a cada um dos quadros ou capitulos comprehendidos no volume antecede uma delicada epigraphe escolhida nos mestres da inspiração poetica.

Lyster Franco escreve em Faro, e na sua prosa é patente o ardor d'uma imaginação temperada pela calidez do proximo clima africano, onde, tanto quanto no Algarve, faiscam ainda pupillas de beldades feiticeiras e de odaliscas sonhadoras, isto, sem mesmo considerar no effeito deslumbrante e empolgante dos phenomenos atmosphericos, diademando a região outr'ora afamada no dominio de arabes e de mouros!

Cumpre-nos dizer que as *Illuminuras* contéem outrosim paginas extranhas, vertidas de alheio idioma em excellente e original traducção de Lyster Franco.

A boa mãe por D. Anna de Castro Osorio.—D'entre os tres livros officialmente approvados para premios escolares — *Toadas da nossa terra*, *Escola da vida* e *A boa mãe* — é o ultimo o mais adaptado ao pequenino intellecto da creança.

Da declaração que a esclarecida escriptora fez acompanhar o livro *A boa mãe* á commissão especial de livros de ensino, extractamos os periodos seguintes que livram de embaraços o signatario destas ligeiras linhas para dizer de sua justiça sobre o merito da obra.

«.......................

Seguindo neste livro uma orientação naturalista e humana, parece-me ter correspondido ao desejo expresso no concurso e seguido o ponto de vista muito respeitavel, de distinctos pedagogos que desejam furtar a creança aos perigos duma educação intellectual demasiadamente fantastica e idealista.

E' certo que, na ultima e mais longa das narrativas deste livro, dei uma fórma simbolica ao exemplo apresentado; mas o motivo é obvio...

Um livro de literatura e de recreio não póde ser nunca — nem para os grandes, quanto mais para os pequenos — um livro de estudo e de moral, pesado e aborrecido até só pela intenção...»

Eis concatenada nestas palavras a indole desse livro: educar o espirito da creança, sem grande sciencia, o que seria absurdo, porque a creança depressa porá o livro de parte, mas duma fórma ductil e malleavel que a creança assimile sem custo e até com agrado.

A edição primorosa no texto e nas gravuras, feitas por illustrações da novel artista Rachel Gameiro filha do soberbo aguarellista Roque Gameiro, e Hebe Gonçalves, é impressa nas officinas do *Annuario Commercial*, sendo o deposito na Livraria Ferreira, Limitada.

Assim, pois, numa bonita edição, nitidamente impressa e illustrada, nos deu a benemerita amiga das creanças, a sr.ª D. Anna de Castro Osorio, em linguagem correcta, mas simples para a comprehensão infantil, esse livro — *A boa mãe* — de que por mão da Auctora recebemos um exemplar pelo qual fizemos esta ligeira noticia de que pedimos desculpa por ser tão mesquinha para o muito que merece a obra.

HENRIQUE MARQUES JUNIOR.

Visita de S. M. El-Rei D. Manuel ao Porto

EL-REI VISITANDO A FABRICA DO JACINTO, ACOMPANHADO PELO SR. ANTONIO DA SILVA MARINHO

(Cliché Benoliel)